

# A DINÂMICA POPULACIONAL DA CIDADE DO PORTO EM FINAIS DO SÉCULO XIX\*

por **Teresa Rodrigues**

A presente comunicação tem por objectivo detectar e caracterizar nas suas grandes linhas a evolução e comportamentos demográficos da população da cidade do Porto nas últimas décadas do século XIX.

Assim, o estudo constará de duas partes essenciais. Na primeira apresentam-se os dados globais respeitantes ao movimento da população, como sejam, o número de efectivos, sua evolução e estrutura etária correspondente, fazendo ressaltar, sempre que possível, as diferenças existentes à escala paroquial. Num segundo momento serão apontadas algumas características das variáveis microdemográficas, sobretudo as que nos permitam comprovar a hipótese de existir um diferente comportamento dos residentes no interior do espaço urbano.

## **1. Análise global e ritmos de crescimento**

Possuimos informações sobre os efectivos populacionais da cidade através dos recenseamentos efectuados a partir de 1864 com uma periodicidade quase decenal (1878, 1890 e 1900). Embora se assista a uma

---

\* Comunicação apresentada no congresso «O Porto na Época Contemporânea», Ateneu Comercial do Porto, 9 a 14 de Outubro de 1989.

gradual melhoria na qualidade destes censos que, no entanto, é sempre má, os cálculos finais obtidos para os residentes no Porto repartidos em quinze freguesias permitem a necessária aproximação à realidade urbana para deles retirarmos conclusões de vários tipos. (Quadro 1).

QUADRO 1

## EFFECTIVOS GLOBAIS DA CIDADE E DISTRITO DO PORTO

Ano	Cidade	Varição	Distrito	Varição
1864	90391		411915	
1878	104938	+ 16,1	463142	+ 12,4
1890	138860	+ 32,3	546262	+ 17,9
1900	167955	+ 21,0	597935	+ 9,5
1911	194009	+ 15,5	679540	+ 13,6

Ao longo da segunda metade do século XIX observa-se um crescimento populacional contínuo da cidade, embora com intensidades diferentes, a que não são alheias determinadas vicissitudes locais e conjunturas sócio-políticas e económicas de âmbito mais vasto. Entre 1864 e o final do século, a cidade aumenta em 85,8% o número de residentes e irá duplicar até 1911, mantendo um ritmo bastante superior ao do distrito a que pertence, distrito esse que é dos mais dinâmicos a nível nacional. No mesmo período este último cresce apenas 45,3%.

Com efeito, durante os anos em análise assiste-se à acentuar das diferenças de crescimento populacional entre os dois grandes pólos de atracção, Lisboa e Porto, e o resto do país. O crescimento urbano, tal como a emigração, constituem dois fenómenos característicos da última fase de Oitocentos.

De acordo com os valores brutos recolhidos nos diversos censos da segunda metade do século, o aumento populacional do Porto foi mais lento entre 1864 e 1878 (pouco mais de 14 mil indivíduos), tornando-se muito intenso no período seguinte (mais 34 mil recenseados em 1890), para tender a desacelerar, embora seja ainda significativo por mais vinte anos, com saldos positivos de 29 e 26 mil recenseados entre 1890-1900 e 1900-1911, respectivamente. Para sermos rigorosos, a cidade tem um ritmo de crescimento anual médio sempre superior a 1%, embora o fenómeno apresente cambiantes diversos à escala paroquial. (Quadro 2).

QUADRO 2

## VARIAÇÃO DA POPULAÇÃO DAS FREGUESIAS DO PORTO

Freguesias	1864	1900	Tx. Var. (%)
Sé	12041	15341	27,4
S. <sup>to</sup> Ildefonso	14307	22565	57,7
Bonfim	10320	26448	156,3
Campanhã	4286	12707	196,5
Paranhos	3286	13876	322,3
Cedofeita	11828	26337	122,7
Vitória	8703	8919	2,5
S. Nicolau	6708	5641	— 15,9
Miragaia	5049	6707	32,8
Massarelos	4369	7627	74,6
Lordelo	2950	6742	128,5
Foz	2904	5672	95,3
Ramalde	2929	7111	142,8
Vilarinha	711	2262	218,1
Porto (Cidade)	90391	167955	85,8

Cabe aqui referir que as alterações surgidas no regime municipal do Porto em 1895 e 1898 não vieram criar problemas à análise que pretendíamos fazer, já que em termos censitários apenas levaram à incorporação das freguesias periféricas de Aldoar, Nevogilde e Ramalde.

Agregados os efectivos aí residentes, verifica-se em termos globais a existência de zonas onde a população estagna ou declina (Vitória e São Nicolau), outras onde o crescimento é reduzido (Sé, Miragaia e Santo Ildefonso), algumas com aumentos moderados e outras muito dinâmicas, como o Bonfim, Campanhã, Paranhos e Vilarinha, freguesias semi-periféricas, com características em boa parte ainda rurais. De facto, a intensidade de crescimento aumenta à medida que nos afastamos do núcleo antigo da cidade. (Quadro 3).

Deste modo, os responsáveis pelo forte incremento urbano são as freguesias mais extensas e afastadas do centro, zonas com densidade de ocupação do solo pouco elevadas, com espaços vazios, em muitos casos antigas aldeias apenas iniciando o processo de incorporação na urbe.

Torna-se assim possível distinguir desde logo três áreas, cuja delimitação nada tem a ver com a ordem administrativa que na época

## QUADRO 3

RITMOS DE CRESCIMENTO ANUAL MÉDIO DA POPULAÇÃO DO PORTO  
ENTRE 1864 E 1900

Freguesias	1864-1878	1878-1890	1890-1900
Sé	0,87	0,27	0,89
S. <sup>o</sup> Ildefonso	0,89	1,77	1,22
Bonfim	2,73	3,46	1,57
Campanhã	2,76	3,88	2,52
Paranhos	3,30	5,46	3,53
Cedofeita	2,22	2,90	1,51
Vitória	0,17	0,99	- 1,16
S. Nicolau	- 0,37	- 0,93	- 0,08
Miragaia	0,92	0,97	0,40
Massarelos	1,16	2,82	0,62
Lordelo	1,50	3,34	2,27
Foz	1,67	2,77	1,11
Ramalde	1,92	4,27	1,20
Nevogilde	3,69	7,37	5,78
Aldoar	2,11	1,73	1,82
Total Geral	1,46	2,38	1,36

divide a cidade nos Bairros Oriental e Ocidental: o centro do Porto (Sé, São Nicolau, Vitória e Miragaia), a semi-periferia (anel que rodeia as freguesias centrais, entre o Bonfim e Massarelos) e a periferia (constituída pelas recém-incorporadas Ramalde, Nevogilde e Aldoar).

No que respeita à intensidade do crescimento urbano, que atinge valores extremamente elevados entre 1878 e 1890, vale a pena referir que em Nevogilde os efectivos aumentam 7,4% ao ano. Em Paranhos, freguesia semi-periférica, esse valor é estimado em 5,5%. A manterem-se estas taxas ambas teriam duplicado o total de residentes em 10 e 13 anos.

A esmagadora maioria da população residente no Porto concentrava-se junto ao rio Douro. Em 1864, 42,2% habitava na área correspondente à Sé, Vitória e São Nicolau. Anos depois, em 1900, o seu peso relativo descera para 29,9%. De facto, a concentração nessa mancha inicial de povoamento sofre algumas alterações durante a fase final de Oitocentos, devido à rápida ocupação de zonas contíguas.

Em termos globais, os dados censitários testemunham o aumento do número de residentes de quase todas as freguesias, promovendo sucessivas mudanças no escalão correspondente a cada unidade. (Quadro 4). Assim, numa fase inicial em que mais de metade das paróquias possui menos de cinco mil habitantes, chegamos ao fim do século com apenas duas nessa situação, Aldoar e Nevogilde. As freguesias com mais de quinze mil recenseados correspondem então a 40% do total.

**QUADRO 4**

**AS FREGUESIAS SEGUNDO A SUA DIMENSÃO POPULACIONAL**

Habitantes	1864	1878	1890	1900
— 5000	8	5	2	2
5000 a 10000	3	6	8	7
10000 a 15000	4	1	2	2
15000 a 20000	—	3	1	1
+ 20000	—	—	2	3
TOTAL	15	15	15	15

## 2. Densidade

No século XIX o Porto manifesta em termos distritais a densidade mais elevada do país, seguido de longe pelos de Braga e do Funchal. Ainda assim, o distrito é marcado por desigualdades internas bastante acentuadas, com destaque para os concelhos de Gondomar, Bouças e Porto, que são intensamente povoados.

Na cidade existem também grandes diferenças. (Quadro 5). Em 1864 é possível delimitar um núcleo central muito povoado, com valores que mais que duplicam em relação aos imediatamente próximos. Por sua vez, estes apresentam densidade intermédias, contrastando com o grosso das freguesias, nove das quais tem menos de 40 habitantes/ha.

Nos anos seguintes essa dicotomia vai-se esbatendo, à medida que, ao crescer, a população ocupa zonas cada vez mais afastadas do centro, centro esse que, como vimos, apresentava sintomas de saturação.

Deste modo, quando chegamos ao fim de Oitocentos, as diferenças locais são menores, tendo-se registado aumentos significativos na densidade da área periférica. O índice de povoamento decaí nas freguesias

## QUADRO 5

DENSIDADE DE POVOAMENTO DAS FREGUESIAS  
DO PORTO (1864-1900)

Freguesias	Área (ha)	1864	1878	1890	1900
Sé	43,7	275,5	311,1	321,4	351,1
S. <sup>to</sup> Ildefonso	121,7	117,6	133,1	164,3	185,4
Bonfim	289,1	35,7	52,1	78,3	91,5
Campanhã	720,8	5,9	8,7	13,7	17,6
Cedofeita	291,5	40,6	55,2	77,8	90,3
Paranhos	607,6	5,4	8,5	16,1	22,8
Vitória	32,5	267,8	274,1	308,5	274,4
S. Nicolau	19,5	344,0	326,5	291,7	289,3
Miragaia	44,3	114,0	129,6	145,5	151,4
Massarelos	173,0	25,3	29,7	41,5	44,1
Lordelo	287,7	10,3	12,6	18,7	23,4
Foz	151,5	19,2	24,2	33,5	37,4
Ramalde	594,4	4,9	6,4	10,6	12,0
Vilarinha	393,2	1,8	2,6	4,0	5,8

da Vitória e em São Nicolau e mais que duplica em Santo Ildefonso, Bonfim ou Cedofeita. No termo rural e das pequenas aglomerações populacionais a densidade, a princípio muito baixa, triplica.

Ligadas às formas de povoamento encontram-se os tipos de coabitação que existem no Porto da segunda metade do século XIX. Os dados disponíveis sobre o número de fogos por freguesia e a sua respectiva composição parecem provar não existir o costume de juntar muitas famílias no mesmo prédio, excepção feita às *ilhas* dos bairros antigos, locais onde chegam a viver dezenas de pessoas juntas.

Nos fins do século, Ricardo Jorge, ao escrever sobre *Demographia e Hygiene da Cidade do Porto*, assinala a existência de 1048 *ilhas* na cidade, que correspondem a 11129 casas, o que dá a média de onze casas por *ilha*, estimando-se em cerca de cinquenta mil os seus moradores, à razão de 4,5 habitantes por casa. Este valor é ligeiramente superior ao encontrado a nível geral para a cidade que, quer em 1890, quer em 1900, ronda 4,4 habitantes.

No Porto oitocentista é possível detectar a existência de dois tipos distintos de famílias. (Quadro 6). Por um lado, as reduzidas, formadas

por dois a quatro indivíduos, e por outro, as famílias muito extensas, com mais de seis pessoas. Os isolados têm uma representatividade significativa, esperada por estarmos num centro urbano. Só a análise à escala paroquial poderia permitir outras ilacções, que são inviabilizadas pelo facto da informação das estatísticas oficiais se encontrar dividida nos dois bairros que agregam todas as freguesias urbanas. Assim, torna-se impossível avaliar a hipótese de existirem diferenças na composição das famílias segundo zonas com distintos perfis socioeconómicos e urbanísticos.

#### QUADRO 6

FAMÍLIAS E SUA COMPOSIÇÃO NA CIDADE DO PORTO (EM %)

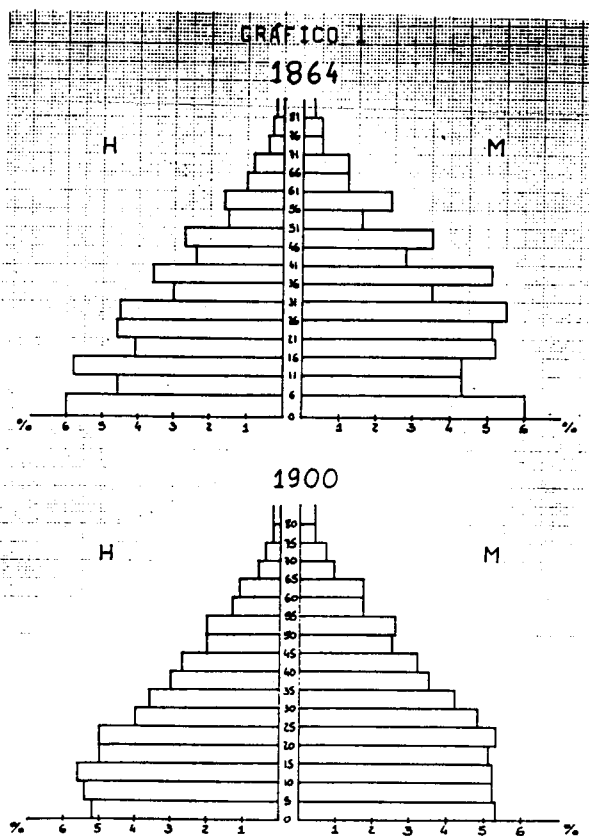
	1 p	2 p	3 p	4 p	5 p	6 p	7 e + p
1890	12,2	18,4	18,1	15,3	11,6	9,0	15,3
1900	10,7	18,9	18,0	14,7	11,8	9,0	16,9

### 3. Estrutura populacional

No que respeita à estrutura e composição etária da população da cidade, um aspecto a salientar é o de não existirem diferenças substanciais entre as pirâmides desenhadas para os anos limite da nossa análise. (Gráfico 1). Com efeito, a estrutura por sexos e idades dos residentes não parece ter sofrido alterações significativas na segunda metade da centúria. O facto da primeira apresentar uma base particularmente alargada é devido à inclusão de todas as crianças até aos seis anos num único grupo etário. Por outro lado, a má qualidade dos dados (sobretudo de 1864) causa a sobreavaliação dos grupos que incluem as idades terminadas em zero.

Como seria de esperar, qualquer das pirâmides se aproxima do *tipo acento circunflexo* característico de regiões com forte crescimento demográfico, embora na última se observe um decréscimo percentual dos grupos mais jovens. Convém não esquecer que nos encontramos numa cidade que exerce forte atracção sobre camadas jovens em idade activa. Ao chegarem ao Porto vindos de áreas mais ou menos distantes, eles são responsáveis por um empolamento anormal verificado nos efectivos a partir dos quinze anos.

A este propósito uma outra ilacção é sugerida pela assimetria observada entre os dois sexos.



Relações de masculinidade na cidade do Porto entre 1864 e 1900

Grupos de idade	1864	1878	1890	1900
0 - 4	100	99	104	99
5 - 9	107	83	103	103
10 - 14	135	119	111	107
15 - 19	80	95	106	99
20 - 24	91	96	94	95
25 - 29	83	86	89	84
30 - 34	85	89	87	85
35 - 39	71	82	92	87
40 - 44	86	86	85	85
45 - 49	76	74	80	83
50 - 54	89	78	75	75
55 - 59	90	71	75	78
60 - 64	90	78	69	65
65 e +	67	63	62	60

Com efeito uma pirâmide nunca é simétrica. A parte esquerda é inicialmente mais larga, devido à sobremasculinidade dos nascimentos. Porém, à medida que caminhamos para idades mais avançadas, a importância relativa do sexo masculino diminui, chegando-se aos grupos terminais com o dobro ou o triplo dos efectivos femininos, causado pelo fenómeno da sobremortalidade masculina.



Este é o modelo natural de envelhecimento, alterado no nosso caso quer pela má qualidade dos dados, quer pelas distorções introduzidas pelos fenómenos migratórios. A primeira será responsável pelos *picos* encontrados nos grupos de idades começados por seis nos recenseamentos de 1864 e 1878 e zero nos restantes. Os segundos levam ao aumento dos grupos nas idades activas, além de diluirm as diferenças entre sexos, sobretudo nas zonas de ocupação mais densa e de actividade económica mais dinâmica. Em 1890 foram arrolados tantos homens como mulheres nas freguesias da Sé, São Nicolau, Miragaia e Lordelo, sendo o seu número superior na Vitória, Ramalde e Campanhã.

Para melhor visualizar o efeito destas ocorrências é usual calcular-se a evolução das relações de masculinidade nos diversos grupos etários. (Quadro 7). De facto, constatamos que, á excepção de 1890, a sobremasculidade inicial inverte-se aos quinze anos, idade a partir da qual existem em termos globais sempre mais mulheres que homens.

QUADRO 7

RELAÇÕES DE MASCULINIDADE NA CIDADE DO PORTO  
ENTRE 1864 E 1900

Grupos de idade	1864	1878	1890	1900
0 — 4	100	99	104	99
5 — 9	107	83	103	103
10 — 14	135	119	111	107
15 — 19	80	95	106	99
20 — 24	91	96	94	95
25 — 29	83	86	89	84
30 — 34	85	89	87	85
35 — 39	71	82	92	87
40 — 44	86	86	85	85
45 — 49	76	74	80	83
50 — 54	89	78	75	75
55 — 59	70	71	75	78
60 — 64	90	78	69	65
65 e +	67	63	62	60

A intensidade dos movimentos migratórios determina o maior ou menor desequilíbrio entre os sexos, que se estende até aos 45 anos. Faz-se então sentir a sobremasculinidade dos óbitos, que prolonga e agrava esse desequilíbrio até idades mais avançadas. Foram recenseados em 1864, 89 homens por cada cem mulheres, sendo essa relação estimada para os censos posteriores em 88, 92 e 90. respectivamente. É possível que o grande crescimento da cidade após 1878 seja causado pela contínua chegada de indivíduos, sobretudo do sexo masculino.

Embora a análise feita através das pirâmides de idades e das relações de masculinidade seja a mais completa, é usual, em ordem a facilitar as comparações no tempo e no espaço, dividir a informação em três grandes grupos etários, separando os sexos. (Quadro 8).

QUADRO 8

**REPARTIÇÃO DA POPULAÇÃO DA CIDADE DO PORTO  
SEGUNDO GRUPOS FUNCIONAIS (1864-1900) (%)**

Ano	Jovens (0-19 anos)			Adultos (20-59 anos)			Idosos (60 e + anos)		
	Tot.	H	M	Tot.	H	M	Tot.	H	M
1864	40,5	43,5	37,4	53,2	50,8	55,8	6,3	5,7	6,9
1878	40,7	43,0	38,6	53,6	52,1	55,0	5,7	4,9	6,4
1890	41,0	43,9	38,2	52,0	50,3	53,6	7,0	5,7	8,1
1900	42,0	44,7	39,5	51,3	49,9	52,6	6,7	5,4	7,8

De acordo com esta classificação, obtemos uma estrutura populacional jovem, se bem que sejam os concelhos de Baião e do Porto os que possuem um maior número de idosos no distrito. Com efeito, os jovens até aos 20 anos representam no Porto entre 40 e 42% do total, numa tendência evolutiva oposta à manifestada pela população em idade activa, cujo peso decresce, lenta mas ininterruptamente. Talvez esse processo denote uma crescente juventude nos indivíduos que à cidade vão afluindo.

Ainda assim a população activa constitui sempre mais de metade dos recenseados. E se no grupo jovem existem mais 5% de homens, esta relação inverte-se entre os residentes com vinte ou mais anos, para se agravar nos grupos etários mais idosos. Em final de Oitocentos, 8% da população feminina tinha no mínimo sessenta anos. Embora menos que no distrito, é também aqui empolada a importância relativa dos jovens e idosos, causada pelo efeito emigratório, acentuado na última década do século.

Da análise da composição por idades dos portuenses detecta-se uma variedade de situações, que devem ser relacionadas com as características não só demográficas, como sobretudo socioeconómicas das áreas consideradas:

— *freguesias envelhecidas na base e no topo*, com poucas crianças e velhos e muita população em idade activa (Sé, Vitória, Miragaia, Cedofeita);

— *freguesias envelhecidas no topo*, com maior percentagem de velhos que a registada em termos globais. São zonas periféricas, onde também existem muitas crianças, mas escasseiam os indivíduos compreendidos entre os vinte e os sessenta anos;

— *freguesias jovens*, onde existe um equilíbrio entre os dois primeiros grupos etários e é reduzido o número de sexagenários (Campanhã, Paranhos e Lordelo).

É assim possível traçar uma geografia interna da cidade, que se encontra intimamente ligada ao tipo de actividades económicas e é, em última análise, determinada pelas migrações internas (entre a periferia e o centro) e externas (pela fixação de indivíduos doutras partes em zonas próximas do local de trabalho). À medida que se avança do centro para a periferia aumenta o número relativo de jovens, diminui o de adultos e restabelece-se a composição demográfica, pela menor influência das migrações.

A evolução dos Índices-Resumo ao longo destes anos permite completar as afirmações já feitas. (Quadro 9). Assim, o Índice de Vitalidade indica que por cada cem jovens existiam entre 14 e 17 idosos, segundo os censos, embora as comparações com os dois primeiros cálculos sejam influenciadas pela desigual repartição dos grupos. Por seu turno, por cada centena de adultos é estimada a existência de 75 a 82 jovens, embora o Ratio de Dependência dos últimos em relação aos primeiros aumente sempre. O mesmo acontece com os mais velhos, assinalando-se entre 11 e 13 idosos por cada cem adultos. Ao combinar o efeito dos dois ratios obtemos a medida da dependência total. Ela indica que por cada centena de indivíduos entre os 20 e os 59 anos existiu sempre um número inferior de jovens e idosos, embora o seu peso tenda a aproximar-se da igualdade.

No início do século XX, a comparação da cidade com o distrito a que dá o nome testemunha a existência de diferenças significativas. No distrito do Porto existem sempre mais jovens e velhos que activos (114 por cada 100). Essa dependência é devida à extrema juventude da população, que quase iguala o número de adultos (97 por cada 100,

## QUADRO 9

**ÍNDICES-RESUMO DAS ESTRUTURAS POPULACIONAIS  
NA CIDADE DO PORTO ENTRE 1864 E 1900**

Ano	Índice de Vitalidade %	Ratio de Dep. dos Jovens %	Ratio de Dep. dos Velhos %	Ratio de Dep. Total %
1864	15,7	75,4	11,8	87,2
1878	14,1	75,9	10,7	86,7
1890	17,0	78,7	13,4	92,1
1900	15,9	81,7	13,0	94,7

quando na cidade era de 82 por 100), mas também ao peso dos indivíduos com 60 ou mais anos (18 por 100, sendo apenas 13 para 100 na cidade). Os efeitos combinados da emigração e migrações internas, nomeadamente para o centro urbano, determinam essas diferenças.

#### 4 — A dinâmica populacional

Como vimos, o fenómeno migratório, próprio de um meio urbano em expansão como o Porto, determina a existência de uma estrutura populacional que se afasta do modelo natural de crescimento demográfico, para além de alterar o tipo de comportamento das gentes aí residentes face à vida e à morte. No que respeita às variáveis micro-demográficas, valerá a pena referir algumas formas de expressão dessas diferenças.

##### — Mortalidade

Na cidade registam-se níveis anormalmente altos desta variável, uma vez que a Taxa Bruta calculada para os períodos censitários é sempre superior a 30<sup>0</sup>/100.

Estes resultados são ainda empolados pela vinda de doentes que residiam fora da cidade, mas que acorrem ao hospital, por vezes de concelhos distantes. Na década de 90 morrem em média 900 indivíduos por ano nesse estabelecimento, na sua esmagadora maioria residentes fora do Porto.

Como sabemos, tais níveis são também determinados pelas

condições de vida e salubridade, que provocam uma mortalidade de tipo endêmico, com diferente expressão consoante as zonas da cidade.

A intensidade da morte é ainda condicionada pela estrutura etária da população residente, pelo que os seus valores escondem diferentes realidades consoante nos situamos em áreas mais jovens ou mais envelhecidas.

### — *Natalidade*

A Taxa Bruta de Natalidade desce entre 1878 (38<sup>0/00</sup>) e 1890 (37,1<sup>0/00</sup>), embora seja ainda superior à de Lisboa e do Reino. Por seu turno, a Taxa de Fecundidade Geral, que exclui as mulheres em idades não procriativas, fixa-se para as mesmas datas em 153,9<sup>0/00</sup> e 129,7<sup>0/00</sup>, respectivamente. Desta forma, o decréscimo é ainda mais evidente.

À escala paroquial persiste a dicotomia existente ao nível da mortalidade entre o centro urbano, onde se registam níveis inferiores à média urbana, e a periferia, com resultados superiores à mesma. Na primeira destas zonas é especialmente elevada a percentagem de filhos ilegítimos, que constituem 25,4% do total, mas que podem ser crianças nascidas no centro da cidade, mas dadas a criar nos arredores.

### — *Nupcialidade*

O aspecto anterior conduz-nos ao tema da intensidade e características da nupcialidade no Porto. À data do recenseamento de 1864, apenas 27,9% dos efectivos eram casados, contra 30,8% em Portugal. Nos censos seguintes mantêm-se a diferença de três pontos percentuais, embora os valores subam na cidade a 30,2 (1878) e 30,7% (1890).

Existem mais casados que casadas, devido ao efeito diferencial das migrações segundo os sexos. Os solteiros abundam nas freguesias centrais, pelo que se observam diferenças acentuadas com a periferia, onde se casa mais. Ramalde e Campanhã têm a maior percentagem de casados no final da centúria. A partir de 1890, o peso relativo de solteiros tende a aumentar.

Estas afirmações são comprovadas pelos resultados do método de Hajnal às informações desse recenseamento. Podemos assim estimar o celibato definitivo dos portuenses em 18,1% para os homens e 26,8% para as mulheres. Apenas 73,2% das residentes no Porto casam, contra 81,9% dos homens. A idade média ao primeiro casamento destes

últimos é estimada em cerca de 24 anos e 21 para as mulheres (respectivamente 23,7 e 20,9 anos). A Taxa Bruta de Nupcialidade nesta data é de 7,9%, não muito elevada para a época.

### — Migrações

A intensidade das migrações é em parte controlável pelo cálculo da Equação de Concordância. Assim, entre 1878 e 1890 foi observado um crescimento natural de apenas 9168 indivíduos (excesso de nascimentos em relação aos óbitos). Como a diferença do número de recenseados no mesmo período é de 33922 pessoas, pode-se pensar que teriam vindo para a cidade 24754 indivíduos, a uma média anual que ronda os dois milhares, não contando os que através dela teriam depois saído do país.

O crescimento natural médio entre 1878 e 1890 é de 705 pessoas por ano e sobe para 869 entre 1890 e 1897. A tendência aponta para a diminuição do número de imigrantes ou acréscimo dos emigrantes, uma vez que nesta década o ritmo de crescimento geral decaiu.

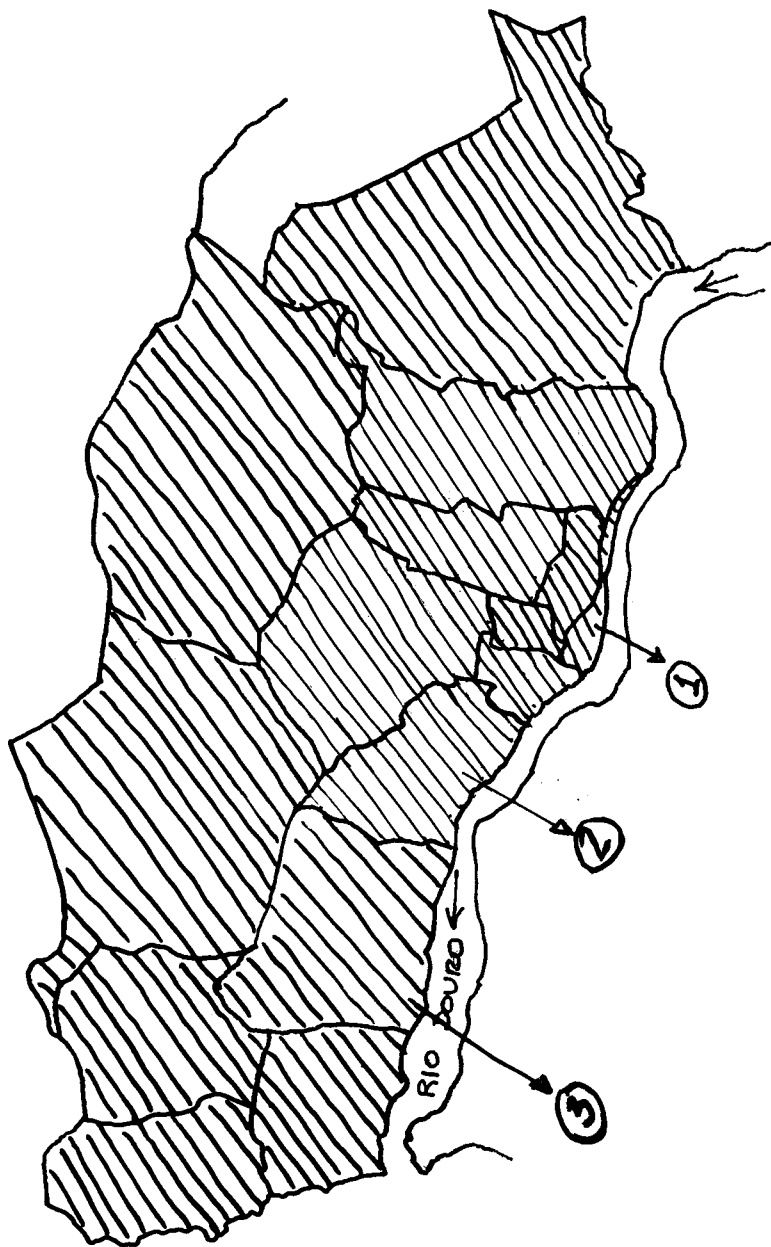
Este desacelerar de crescimento pode estar ligado à crise económica sentida nesses anos, que diminui as hipóteses de emprego para os recém-chegados, na sua maioria criados, aprendizes e empregados no comércio.

As informações sobre a naturalidade dos residentes no Porto em finais do século dizem-nos que 44,3% nasceram fora, sendo 12,3% do próprio distrito, 27,9% doutras partes do Reino (Sobretudo Minho, Trás os Montes e Beira Alta) e 4,1% do estrangeiro (Brasil, Espanha e Inglaterra são os mais citados). Estes estranhos residem sobretudo em Campanhã, Foz e Paranhos, embora a comunidade estrangeira, mais abastada, prefira Santo Ildefonso, São Nicolau ou a Vitória.

### 5 — Diferenças internas

Através desta análise procurámos acompanhar a evolução e apontar algumas características da população portuense ao terminar o século XIX. De tudo o que foi referido, valerá a pena insistir nas diferenças assinaláveis à escala paroquial, que nos permitem distinguir três zonas na cidade com distinto comportamento. (Mapa 1).

1 — O núcleo constituído pela Sé, São Nicolau, Vitória e Miragaia, freguesias muito povoadas, saturadas em termos de ocupação do solo,



área onde mais se fazem sentir as más condições de vida. Trata-se de um espaço envelhecido, pelo peso exagerado da população em idades activas e que manifesta saldos negativos de crescimento natural, apenas parcialmente colmatado pela contínua chegada de indivíduos de fora da cidade;

2 — O conjunto de freguesias que envolvem o grupo central (Bonfim, Santo Ildefonso, Cedofeita e Massarelos), que começa a atrair os excedentes da primeira zona. É uma área onde as densidades de povoamento aumentam substancialmente até finais do século XIX, com uma composição populacional equilibrada, embora dependente da maior ou menor concentração de certas actividades económicas (inclusivé as industriais). O peso relativo dos vários grupos etários é equilibrado e o saldo natural moderado. Os níveis de mortalidade são muito elevados, embora sempre inferiores aos da natalidade.

3 — Por fim, o terceiro grupo de freguesias, que inclui Campanhã, Paranhos, Ramalde, Lordelo, Foz e Vilarinha, áreas semi-urbanas, que crescem muito rapidamente, à medida que aumenta a dispersão de povoamento na urbe. A sua população residente tem um comportamento demográfico mais próximo do distrito que do resto da cidade, exactamente porque atrai menos migrantes e a densidade é reduzida. Nela existem muitas crianças, sendo caracterizada por uma forte natalidade, que suplanta de longe os níveis também elevados da mortalidade. É provável que em certas ocasiões a composição etária das suas gentes fosse afectada por deslocações temporárias ou permanentes dos maiores de quinze anos para freguesias mais atractivas em termos económicos.

Lisboa, Outubro de 1989